

ENSAIO SOBRE EROS E O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE PLATÃO E HAN

Pâmela Bueno Costa¹

Samon Noyama²

RESUMO: A proposta deste texto é oferecer um ensaio sobre eros e o ensino de filosofia no contexto da cultura contemporânea, muito marcada pela lógica da positividade. Nossos principais interlocutores nessa trajetória são Platão e Byung-Chul Han, que nos provocam a pensar o exercício do filosofar e os desafios da atividade docente com a filosofia, numa perspectiva de, dialogando com esses filósofos, sustentar a importância da construção de relações afetivas, da presença de eros no exercício característico da filosofia.

Palavras- chave: Eros; Ensino de filosofia; Platão; Byung-Chul Han; Ensaio.

ABSTRACT: The purpose of this text is to offer an essay on Eros and the philosophy teaching in the context of contemporary culture, very marked by the logic of positivity. Our main interlocutors in this trajectory are Plato and Byung-Chul Han, who provoke us to think about the exercise of philosophizing and the challenges of teaching with philosophy, from a perspective of, dialoguing with these philosophers, sustaining the importance of the construction of affective relationships, of the presence of Eros in the characteristic exercise of philosophy.

Keywords: Eros; Philosophy teaching; Plato; Byung-Chul Han; Essay.

Nos últimos tempos, tem sido proclamado com frequência o fim do amor

Byung-Chul Han

Vamos nos aventurar em uma reflexão filosófica, navegando, assim como nos diz Fernando Pessoa “*navegar é preciso*”³, *timoneando* nas reflexões sobre eros. O exercício de pensamento e reflexão nos desloca ao encontro com o outro-mundo. O percurso é fundamental, é a experiência que possibilita o filosofar. Nesse timonear das ideias, partimos de uma análise clássica sobre o *amor*, proposta por Platão no *Banquete*, em seguida, com Byung-Chul Han, em *Agonia de Eros*, para pensarmos o papel do amor e sua relação com o ensino. É possível ensinar

¹ Doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na linha Gênero, Raça e Colonialidade. Graduada em licenciatura plena em Filosofia (UNESPAR). Especialização em Ensino de Filosofia, Mestre em Ensino de Filosofia - PROF-FILO -UNESPAR. E-mail: costapamela58@gmail.com.

² Professor adjunto da UFABC. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (2009) e Doutor em Filosofia pela UFRJ (2014). E-mail: s.noyama@ufabc.edu.br.

³ Ver PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

filosofia? Esses dois autores, de certa forma, nos colocam diante de duas questões muito relevantes. É possível, ainda, ensinar filosofia/filosofar? Quais podem ser os papéis do amor nesse processo? Dito isso, de acordo com Platão e Han: o amor nasce na negatividade, é intempestivo! E, com base nesta afirmativa, indagamos: “existe ainda espaço para o amor”? Existe espaço para pensar o amor/conhecimento? Em uma sociedade do cansaço e da transparência, ainda há espaço para o eros?

Dessa maneira, nossa proposta ensaística parte deste pressuposto: o importante não é o resultado, não queremos chegar a uma conclusão dogmática e absoluta, mas nos propomos a dialogar com esses pensadores, pois o que nos interessa é o processo, o desenrolar do pensamento, o espírito que trabalha, em movimento aventureiro. Segundo Leopoldo Waizbort, em *As aventuras de George Simmel*, sobre o gênero ensaio:

O importante não é ter encontrado algum tesouro, mas sim ter escavado. Tal comparação é semelhante ao passeio. Para quem passeia, o caminho e a paisagem são mais importantes que o ponto de chegada. [...] Isto significa que não interessam tanto as conclusões a que um ensaio poderia levar ou que ele poderia trazer, mas sim o processo, o desenrolar do pensamento, o espírito que trabalha, em movimento aventureiro. O movimento é a característica básica do ensaio (WAIZBORT, 2000, p. 3).

Nesse movimento, que é característica do ensaio, vamos navegando. Em tempos de adoecimento é importante pensar a relação de eros com o pensamento filosófico. Acreditamos que deve ser o fio condutor no ensino-aprendizado, como podemos perceber na filosofia socrática, na educação transgressora de bell hooks, bem como, na educação como prática de liberdade de Paulo Freire. Eros deve ser o caminho, *o entre*, atravessando os/as professores/as e os/as estudantes. Um dos problemas que nos atravessa é pensar quais são os fatores que causam a indisposição para o pensar e para amar o conhecimento. Podemos dizer, que dentre os múltiplos fatores, o desfalecimento de eros é um deles. Hoje, tudo está dado, tudo está pronto e acabado, não se tem mais mistério, a verdade já está *des-velada*. Como agir diante de tal realidade? Com efeito, há tempo que a internet, os aplicativos eletrônicos, redes sociais, como *Facebook, Instagram, Twitter*, despertam mais interesse nos estudantes do que aprender, por exemplo, sobre Platão. Uma questão que surge é como trazer os filósofos e as filósofas para discutir o hoje, parece que a filosofia está cada vez mais longe da realidade e, esse estar longe faz com que os estudantes passem a não gostar de problematizar este mundo, o qual já está desvelado, desnudado e transparente. Perdeu-se *o erótico*. Como ressalta Han: “pensa-se hoje que o amor perece devido à liberdade de escolha ilimitada, às numerosas opções e à coação do

ótimo, e que, num mundo de possibilidades ilimitadas, o amor não é possível” (HAN, 2014, p. 09). Seria e excesso de razão? Devido à extensão tecnológica? Negação do outro? Alto nível de positividade? Autorreferência da visão narcísica? Anulação da alteridade? São muitas as perguntas.

Disposição para o filosofar: *Eros*, o entre-caminho

Um passo à frente, podemos voltar um para trás, e refletir sobre uma das questões mais difíceis da filosofia que é justamente dizer o que é filosofia, ou destacando também a sua *pluriversalidade*. Responder a esta questão não de forma objetiva e sucinta, mas reconhecendo sua característica reflexiva e o fato de que não são todos os problemas filosóficos passíveis de objetividade, sem que isso traga desdobramentos indesejáveis.

É um movimento complexo, pois existem muitas definições e contradições dentro da própria filosofia, que com certa frequência exigem um longo exercício reflexivo e teórico. De toda forma, nos atrevemos a pensar essa questão, que é uma pergunta essencial para todo professor/a de filosofia, ou daqueles que se debruçam a estudá-la. Além disso, percebemos que entre os/as filósofos/as não há uma resposta unânime ou concordância geral sobre o que é filosofia e nem sobre o próprio filosofar. Portanto, já que não encontraremos uma resposta pronta, não nos custa admitir que vamos nos aventurar nesta questão. Num primeiro momento, podemos lembrar que a palavra “filósofo” foi utilizada pela primeira vez por Pitágoras. Diôgenes Laêrtios, em *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, destaca que os primeiros pensadores também foram chamados de “físicos”, pois dedicavam-se a pensar o surgimento da vida, ou seja, o princípio fundamental – *arché*, a partir da *physis* (natureza), e posteriormente foram identificados como pré-socráticos.

Foi através da natureza que os pensadores formularam suas teorias sobre o surgimento da vida e do *cosmos*. Tales, fundador da escola Jônica, natural de Mileto, um dos primeiros filósofos que confere significação ontológica substantiva a elementos naturais, afirmou ser a água o princípio fundamental da vida. Essa discussão sobre a origem da filosofia e do filosofar não é uma preocupação recente, pois acompanha toda a história da filosofia. No que consta na história, as primeiras manifestações se deram por volta do século VI a. C. Mas quem seria o filósofo? Diante de tal pergunta, lembramos aqui uma anedota bem conhecida, citada por Platão, em *Teeteto*, como também encontramos o relato em Diôgenes Laêrtios. Segundo essa anedota, Tales estava com uma criada, dirigiu-se para fora de sua casa, com o objetivo de

observar as estrelas, nisso caiu numa vala. Dizem que seu grito despertou uma indignação na criada, afinal, “não via sequer o que estava à sua frente, como poderia querer conhecer tudo acerca do céu?”. Platão narrou este episódio:

Foi o caso de Tales, quando observava os astros; porque olhava para o céu, caiu num poço. Contam que uma decidida e espirituosa rapariga da Trácia zombou dele, com dizer-lhe que ele procurava conhecer o que passava no céu, mas não via o que estava junto dos próprios pés. Essa pilheria se aplica a todos os que vivem para a filosofia (PLATÃO, 2001, p. 83).

Com essa anedota, percebe-se uma imagem construída das filósofas/os, como aquelas/es que estão presentes no mundo, mas apenas dedicados à teoria, ou apenas à contemplação, desligados do real ou das coisas práticas. Ademais, a figura da/o filósofa/o como aquele ser ausente das questões práticas da realidade vem sendo desconstruída e é nesse contexto que nos inserimos. O filósofo Gilvan Fogel em seu livro intitulado *Que é filosofia? filosofia como exercício de finitude* afirma que a filosofia pode ser entendida como um modo de ser do próprio ser humano. Diante disso, surge a questão: o que é um modo de ser? Se é um modo de ser das pessoas, esse modo precisa ser despertado? O que seria esse despertar? Concomitante, podemos dizer que é preciso trabalhar o *despertar*, no *abrir-se*, sobretudo, é deixar-se ser tomado pela dúvida, olhar para o real e pensar para além do que se meramente enxerga. Temos que pensar no *como*, e a resposta parece fácil, mas, no entanto, é uma profunda tarefa do pensamento, pois requer filosofia, ou melhor, o filosofar. E esse abrir-se é uma *disposição* para conquistar um modo de ser que já é nosso (FOGEL, 2009, p. 31). O modo de ser é só pelo ser de cada um pode ser conquistado. E esse modo precisa ser revelado, ganhar vida e corpo, no sentido de densidade, espessura, à medida que faz ação, atividade, ou seja, na medida em que realiza algo. Em outras palavras, compreendendo o ser no mundo sendo tomado pelo acontecimento. Acrescentamos que o modo de ser está inscrito no *perguntar*. Deixando mais claro, é no modo de *questionar* que brota a dúvida, o espanto, dessa forma, do pasmo ou da admiração. É uma busca pelo fundamento – *poiésis*. Abrir-se, é estar apto às experiências e às perguntas, pode ser entendido como aprender o sentido de ser, que é sempre uma questão a ser pensada. Isto é, segundo a filosofia heideggeriana em *Ser e Tempo*, o Ser não pode ser conhecido, mas apenas perguntado, e por isso a importância da indagação, que não podem ser vazias. Como afirma Fogel, não é agitar-se em questionamentos e ainda desvairar-se em questões formais e retóricas. E sim, “parar, suportar, resistir (este é o sentido vital, existencial de perguntar!)” (FOGEL, 2009, p.48). É um questionar-se pelo fundamento, não pela simples exigência de uma resposta, é suportar a *abertura*, no sentido de disposição, “para

ser tocado e tomado pelo que toca e toma” (FOGEL, 2009, p. 48), e, assim, resistir a esse acontecimento. Conforme salienta Fogel:

Resistir a este acontecimento, em sendo por ele atravessado e, assim, repetir (retomar) insistentemente *a hora* do homem e de toda a realidade possível – *fazer isso é diferente de perguntar pelo ente enquanto ente, pelo real enquanto real*. Cumprir esta resistência, realizando essa suportação, *aguentar esse peso*, é não dar nenhuma resposta (isto é, nada pôr conta do responder!), é não preencher nenhum “é” (FOGEL, 2009, p. 48).

A interrogação deve gerar espanto, para isso, deve ser uma indagação que se volta à interrogação da pergunta. Os questionamentos devem buscar uma sub-pergunta, ecoando e ressoando, em todas as outras interrogações. Esclarecendo a palavra *fundamento*, recorreremos ao dicionário de conceitos heideggeriano, visto que Fogel trabalha por uma veia ontológica de Heidegger. E assim, a palavra *Grund* é uma derivação do verbo *moer*, originalmente tem o sentido de areia, solo arenoso, terra. Foram impregnados vários significados e variantes na palavra, que originou a palavra (*sich*) *gründen* – fundamentar, fundar, basear, estabelecer, fundado em – *grundbegriffe*, que significa propriamente *conceitos básicos*. Pode ser entendido também como no sentido dos gregos, como a *arché* – elemento fundante, primordial – começo, primeiro, princípio (INWOOD, 2002, p. 74).

O espanto e admiração são um acontecimento, sem avisar, é abrupto, isto é, toma de súbito. E ao ser tomado passa a perguntar. Mas, não sem sentido, é uma busca por fundamento, ou seja, uma busca pela origem dos porquês. Para pensarmos a origem do filosofar, isto é, do espanto admiração, vamos fundamentar a discussão com os dois filósofos clássicos: Platão e Aristóteles.

De acordo com Platão, a filosofia nasce do espanto e da admiração. Considerando o *Teeteto*, citamos a passagem 155d da respectiva obra, na qual afirma que o humor, a disposição *páthos* de um filósofo é o espantar-se, o admirar-se, *tó thaumazéin*. Desse modo, não há outro começo, *arché*, para a filosofia senão esse. Nota-se que a partir do momento em que o ser humano se admirou com as coisas ao seu redor, passou a *ver*, nesse sentido, a olhar as coisas e questionar, revelando desejo pelo conhecimento. Mas admirar-se com o quê? Bem, não seria exagero dizer que a admiração, segundo Platão, é a verdadeira característica do filósofo. Diante dessa afirmação, é preciso atentar-se aos verbos em grego, vejamos, *theoréin* e *thaumázein*, esses verbos significam ver e admirar, respectivamente. Então, é um processo de retidão do olhar, ter um olhar aberto para a realidade, isto é, tal como ela se desvela ao filósofo. É passar a ver e reconhecer o ser, estar tomado pelo desejo de conhecer, ou seja, seguir o caminho do

logos em busca da verdade. Sobre o admirar, Marcelo Perine, em *Ensaio de iniciação ao filosofar*, afirma:

Por sua vez o *thaumázein* significa admirar, maravilhar-se, ficar estupefato, sob duplo aspecto: por um lado aquele que admira não sabe tudo aquilo que admira e, mais ainda, sabe que não sabe; por outro lado, sabendo disso, põe-se ao caminho do saber, porque deseja a ciência (PERINE, 2007, p. 23).

Conseguimos entender que ao admirar, se tem a consciência de não entender, com isso um desejo de conhecer é despertado. O que se nota, a partir de então, é o movimentar-se no sentido de descoberta e desvelamento do mundo. Gilvan Fogel nos possibilita destacar que a filosofia é um modo de ser, de aprender a viver, atravessada por questionamentos, tendo como guia as perguntas pelas origens das coisas. Chegamos a uma afirmativa, de certa forma, é saber perguntar que fazemos filosofia, é ver, abrir-se: admirar-se e espantar-se, ser despertado, no sentido de oferecer-se a uma experiência, isto é, para a atividade do filosofar, e esse movimento de reconhecimento do ser “vem de dentro” e, por isso, o ser humano é *lançado* ao questionamento. Filosofar, pois, é preciso. Com esse pontapé inicial, parafraseando Fernando Pessoa, Marcelo Perine, em *Ensaio de iniciação ao filosofar* afirma: “filosofar é também preciso por oposição ao inexato, ao meramente aventureiro” (PERINE, 2007, p. 14).

Navegar é estar em movimento, significa viver ainda mais intensamente (PERINE, 2007, p. 11). Nesse navegar, o homem move-se, passa a agir buscando algo, e, nesse movimento, há possibilidades do acontecimento – o dar-se conta da existência, uma tomada de consciência, ou seja, a iniciação para o filosofar.

Isso posto, é preciso uma atenção maior ao termo *abertura*, o que significa estar aberto? De acordo com a filosofia heideggeriana de Gilvan Fogel, a abertura seria o termo usado para a disposição ou disponibilidade para ser tocado e tomado pelo que se toma e toca. É, portanto, pela abertura que se pode conhecer, em outras palavras, é abrir-se às questões que surgem e parar para pensar a questão do Ser e sua relação com o mundo. É um processo de zelo, de escuta, inclinação e queda. É um estado de ser lançado ao abismo, e em queda o olhar é despertado, passa-se a ver com mais precisão as coisas no mundo. Importante frisar, que não é um estado de espírito, uma vontade, é algo que deve ser despertado.

É um processo difícil, que toma o ser humano, e, dessa maneira, passa a realizar funções que antes não desenvolvia, e a presença no mundo passa a ter um novo sentido, pois há uma relação – mundo diferente, porque passa a ser conquistado diariamente. À medida que passa a dedicar-se, passa a dispor-se de todas as possibilidades. Assim, conforme Fogel destaca, o ser

humano, ao ter abertura ou disposição, estará sempre lançado no mundo que se mostra dia após dia como uma dimensão de seu próprio ser.

Nesse limiar, podemos afirmar que o ser humano quando aberto ao mundo passa a interpretar o real. No entanto, como? Não é apenas com o perguntar, conforme ressaltamos anteriormente, mas é fundamental também compreender a existência, em razão disso, entendendo a abertura, no sentido de disposição, isto é, se constitui de forma básica uma abertura de mundo, de (co) presença e existência. Ser tocado pelo mundo ou “deixar-se tocar” é ser tomado. Aqui, frisamos que o ser humano compreende as coisas que estão ao redor. Todavia, é raro o perguntar-se como e o porquê se dá o fazer das coisas ou ainda qual é a natureza de todas as coisas que se realiza, por isso, a questão do perguntar é sempre uma questão que deve ser originária.

Abismar-se, ora, é uma das possibilidades. Sentir a vida, e aprender a ver o abismo através do acontecimento literário é um passo para o filosofar. E filosofar, pois, é preciso! Aprender a ver e a contemplar, sobretudo, em um processo de aprender a ouvir, uma escuta. A filosofia não é apenas uma disciplina da grade curricular, mas um modo de viver, de vida. Um compromisso com o real. E, para finalizarmos, para Fogel, o filosofar é exercício e aprendizagem de ver abismo, pois ouçamos de novo o próprio ver, é ver – abismo” (FOGEL, 2009, p. 110). A nossa questão originária foi o perguntar sobre o isto da filosofia: *que é filosofia?* Chegamos a uma ideia que sempre será um convite, um chamado. De acordo com Fogel, é preciso despertar para essa atitude, que é um modo de ser do ser humano, então, podemos afirmar que quem tiver ouvido que ouça, quem tem olhos que veja, quem se dispõe estará em processo de *abertura para o filosofar*.

Ao flertar sobre eros e o ensino de filosofia quando o docente se propõe a ensinar o *inensinável* ato de filosofar, o/a professor/a possui diante de si um desafio. Podemos nos perguntar como é possível ensinar a amar a sabedoria, o saber? Se não se ensina a amar, podemos despertar o amor? Como Kant afirmou, não se ensina a filosofia, mas, somente o filosofar. De que maneira, portanto, o professor pode despertar o interesse em seus estudantes? Eros não bate na porta, ele entra sem avisar, ele é um movimento intempestivo. Assim, torna-se necessário rememorar o discurso de Sócrates, no qual recorre à iniciação que teve com Diotima:

Com efeito, o saber está entre as coisas mais belas, é o Amor é o desejo do belo; portanto, forçosamente o amor é filósofo e, sendo filósofo, está situado entre o sábio e o ignorante. Ainda é sua origem a causa disso, pois, é filho de

um pai sábio e industrioso e duma mãe ignorante e apalermada (PLATÃO, 2007, p. 76).

Destarte, um/a professor/a de filosofia deve ser guiado por eros, movimentado pelas musas e pelo desejo incessante pelo saber. E para se movimentar na busca constante pelo que não tem, deve estar dominado por eros. Mas, se o professor/a, o mestre não tiver essa experiência com o amor ao conhecimento, como motivar o desejo? Como tornar a filosofia uma busca pela verdade? Afinal, o que é a verdade que tanto almejamos encontrar?

Seguindo os rastros de Platão, encontramos uma reflexão sobre eros e a *philia* em alguns de seus diálogos, *O Banquete*, *O Lísias* e *o Fedro*. *O Banquete* nos introduz ao âmago da filosofia platônica. É seu diálogo de maturidade, em seu projeto epistemológico – o amor é resultado de viver bem e de um cuidado de si. É um ensinar a ver! Desprender-se da matéria, não querer ter posse, mas a ideia. Se sei o que é belo, não ficarei suscetível às ilusões. Aquele que fica cada vez mais preso à matéria, fica cada vez mais fraco, pois ainda não aprendeu a ver, não aprendeu a admirar. Está preso na “caverna”, preso a falsas ideias, dogmas e grilhões. Para se chegar ao belo, deve-se contemplar o belo. Pois, o conhecimento continua, o mortal morre! Nesse sentido, o amor exaltado é o intelectual e não o carnal. E, assim, para entendermos o que se trata o belo – o bom, o justo, o corajoso, as virtudes em geral, é preciso saber ver e compreender a ideia.

Conta-se que ocorreu um banquete nos jardins do monte Olimpo, com objetivo de celebrar o nascimento da deusa da fertilidade e da beleza, Afrodite. O que ocorreu é que Penúria (Pobreza) foi mendigar os restos das refeições e cruzou com Recurso (Póros – Riqueza) embriagado por ter consumido muito néctar. Ousada, usou de sua oportunidade e se deitou com ele e concebeu eros. É um deus, que abre-caminho, podemos dizer que está entre o mortal e divino, herdando uma ambiguidade! Ao mesmo tempo em que é belo, é poeirento e sujo. É um jogo oscilante de contrários! No meio termo entre a sabedoria e a ignorância. Nasce da violência e da negatividade. É um morrer no outro! Nesse sentido: “morre-se no outro, sem dúvida, mas a essa morte segue-se um retorno a si (HAN, 2014, p. 30).

Vejam a figura de Sócrates. Ele se aproxima dos jovens, representa o povo grego, no sentido de viver bem dos gregos, busca a essência das coisas, tem um cuidado de si e cuidado com o outro. Sabe contemplar! Ele é o sujeito sedutor, amado e amante e, que devido à sua singularidade é chamado *Atopos* (HAN, 2014, p. 57). O seu discurso (logos) pode ser entendido como uma sedução erótica. Como afirma o filósofo coreano em *a Agonia de Eros*:

Eros conduz e seduz o pensamento através do não percorrido, do outro átópico. O demoníaco discurso socrático deve-se à negatividade da atopia.

Mas não desemboca na aporia. [...] A filosofia é a tradução de Eros e logos. Platão dá a Eros o qualitativo de *philosophos*, *amigo da sabedoria* (HAN, 2014, p.58).

Como vimos, eros conduz e seduz o pensamento, nasce da diferença, da negatividade, do impulso, chega sem permissão, não nasce da/na *positividade!* Com efeito, segundo José Cavalcante as grandes linhas da estrutura do *Banquete* diferem dos demais diálogos, pois não é marcado por um ritmo dialético, com um arranjo lento e sinuoso, com repetições, abandonos, acréscimos e recapitulações de argumentos. A cena é na casa de um poeta, Agatão, que comemora a vitória do concurso de tragédia (PLATÃO, 2014, p.189).

No embalo das comemorações, os convivas resolvem fazer um novo concurso, dessa vez, oratório. A proposta feita por Erixímaco foi que cada um pronunciasse um discurso de elogio ao amor – eros. Dentre os presentes estão: Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão, Sócrates e, por fim, Alcebíades, que chega atrasado completamente embriagado.

De maneira breve, vamos relatar alguns dos pontos levantados em cada elogio a eros. Fedro foi o primeiro, invocando um caráter mitológico, da criação segundo a *Teogonia* de Hesíodo, exaltando o poder de *eros* sobre os demais deuses. Pausânias remete a ideia de que existem duas formas de amor – um celestial e outro carnal. Urânia – amor virtuoso e Pandêmia – amor mundano, popular. Erixímaco – o médico, revela o amor relacionado a saúde, vai pensar na relação de equilíbrio, harmonia e virtude entre os corpos, fazendo um retorno ontológico, como uma restauração (*techné*) entre a Polímia (Pandêmia, pobreza) para se chegar à Urânia.

Aristófanes utiliza-se do “mito do andrógino” para fazer seu elogio, o amor é a busca pela outra metade! - existem várias formas de amor! Para Agatão, o poeta, os opostos operam. Alcebíades entrará em cena, completamente embriagado e, no lugar de fazer um elogio a eros, faz um elogio à figura de Sócrates, mostrando que não entendeu nada sobre a essência de eros.

Quando nos deparamos com o discurso de Sócrates, ele reconhece a sua iniciação com a sacerdotisa Diotima: “pensava com vocês, mas eu fui iniciado”. Filho do Recurso e da Pobreza! O amor é uma falta, uma busca constante por completar o vazio, na dualidade, é duro, seco, descalço e sem lar. Em conformidade com a visão de Diotima, começamos a amar quando somos jovens, atravessados pelo olhar, e se alcança o amor quando aprendemos a ver pela *alma*, desse modo, *só se chega ao amor pelas próprias virtudes*. Para ela existe um jogo, como vemos no *Banquete* é sempre pobre e está longe da suavidade e beleza que muitos lhe supõem: ao contrário, é duro e seco, descalço e sem teto; sempre se deita no chão nu, sem lençol, e descansa nos degraus das portas ou à margem dos caminhos, ao ar livre; fiel à natureza da mãe, vive na

penúria. O amor de um/a filósofo/a deve ser o amor por tudo. Ao ser iniciado, as virtudes cercam-se de muitas técnicas, assim, têm-se uma compreensão mais universal. O filósofo ama a sabedoria, ama em virtude e deve amar em um estado de sabedoria. Porquanto, a intervenção da “musa-deusa-sacerdotisa”, o amor está entre o saber e a ignorância, é animado de um desejo de imortalidade, o qual assume no começo a forma sexual de um desejo de procriação, mas, que purificado, ou “*sublimado*”, converte-se no desejo de fazer uma obra de educação. De cada vez, a beleza tem por estranho efeito engendrar “belos discursos” (cf. SUSSEKIND, 2014, p. 28-31).

Cabe ressaltar que o amor está intimamente ligado ao desejo, sendo assim, o amor inclina-se sempre para algo, sempre se volta para o objeto desejado. O amor não é belo nem feio, ele está entre os extremos. Podemos pensar de acordo com Platão, que o amor move uma busca, o amado é ausente, ama-se a si mesmo, ama o que não é. E ainda se pensarmos “o desejo pela verdade, que é a busca da filosofia, indica que ela se mostra como uma falta e que, portanto, deve ser sempre buscada” (HAN, 2014, p. 31). O desejo por encontrá-la não cessa, porque sua natureza é evasiva, a verdade é algo que está sempre mais além. O amor é o caminho para o Bem e a: “sabedoria diz respeito às coisas mais belas e, Amor é o amor do belo; de modo que a necessidade de amor tem que ser amigo da sabedoria e, como tal, deve situar-se entre o sábio e o ignorante” (MARCONDES, 2007, p. 30). O ser humano que conseguir ver além das aparências, além da beleza física, uma vez contemplada, superará em brilho o seu ouro e as suas vestes. O amor é força oscilante. Segundo, Furtado quando falamos de amor, encontramos por todos os lados contradições, ambiguidades, confusões, anomias, o sentimento do trágico (FURTADO, 2008, p. 16).

O que nos resta? O deserto vai crescendo. O que esperar do deserto? Por muito tempo foi dado extrema autonomia para a razão sobre o que é possível conhecer. Afinal, o que conhecemos de fato? Precisamos utilizar nossa capacidade cognitiva e pensar que carecemos de umidade, de uma filosofia úmida e vívida, que proporcione criação. O deserto nada cria! Só podemos ensinar filosofia sabendo o que ela é, e se sabe que não há uma resposta que satisfaça de maneira unânime todos os filósofos.

Dessa forma, podemos dizer que eros é o caminho para despertar e provocar o filosofar. Gilvan Fogel, menciona que “o deserto evoca aridez, uniformidade, monotonia, esterilidade, inospitalidade” (FOGEL, 2009, p. 71). Por conseguinte, do uniforme, monótono, do deserto não há criação, não há liberdade – não se faz, não se pode mais fazer-se vida. menciona que isso é terrível, é desoladora a paisagem em que se abre como crescimento do deserto, como

desertificação (FOGEL, 2009, p.73). *Ó tempos sombrios! É tempo de cálculo*, e esse cálculo é o deserto. E o que esperar da desertificação? Guardar em nós? Nietzsche já alertou: ai daquele que guardar deserto dentro de si.

Cansaço e transparência

Em uma sociedade do cansaço, fatigada, destroçada por uma torrente de atrocidades, violências, discursos de ódio, há espaço para o amor? Onde encontramos uma banalização do mal, uma extrema falta de empatia e alteridade, um alto nível de positividade que anula o outro.

Hoje, segundo Han em seu livro *Sociedade do Cansaço*, vivemos em uma era de epidemias, mas não é viral nem bacteriológica, mas sim neuronal. As principais doenças neuronais como a depressão, o déficit de atenção, hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe, ou ainda a síndrome de *Burnout* – excesso de trabalho, esgotamento, determinam o século XXI. Nosso mundo está doente! Para pensarmos a real situação que nos encontramos, é preciso perceber quantos os jovens - assim como adultos e os mais velhos também -, sofrem inúmeras doenças neuronais, o excesso de positividade e desempenho que emanam de todas (HAN, 2015, p. 52) as partes, resulta que ao sofrerem frustrações não se sabe lidar com elas e se sentem como pessoas inúteis e incapazes.

De acordo com o pensamento de Nietzsche é por falta de repouso que a nossa civilização caminha para a barbárie. É preciso tempo de descanso e de pausa. É nesse cenário que a experiência do pensar acontece, em um mundo acelerado o tempo criativo se perde, é por falta de repouso que Eros começa a agonizar. O corpo adoce e o espírito criativo, a força de vontade de pensar e olhar o mundo vão desaparecendo. Dessa forma, como afirma Nietzsche, em *Crepúsculo dos ídolos*, existem tarefas importantes, estas devem ser exercitadas, devemos aprender a ler, a pensar e falar e a escrever. Como afirma Han, para o escritor de Zaratustra, “significa habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si” (Nietzsche Apud Han, 2015, p. 51), isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. É preciso pausa, é preciso tempo para se contemplar a vida e as coisas que estão à volta. É preciso aprender a ver, e ver significa aprender a contemplar, conhecer a si, e conhecer o outro, para assim conhecer as virtudes do outro, aprender com alteridade do olhar!

Nesse sentido, quando demasiadamente temos uma sociedade positiva, esse esforço é exagerado para se maximizar um desempenho que, segundo Han, torna a sociedade doente. E sem espaço para a autonomia do ver e do contemplar!

Se o ser humano fosse um ser da negatividade, a total positividade do mundo teria um efeito nocivo. Segundo Hegel, é precisamente a negatividade que mantém viva a existência (HAN, 2015, p. 57). Encontramos crises por todos os lados, em um mundo de extremo egoísmo narcísico não temos espaço para o outro e isso podemos ver dentro das salas de aula. Há uma crise na educação. Mas, isso não é unicamente falar de uma escola isolada, mas sim do sistema em que estamos inseridos. A todo o momento, nesse mundo capitalista, somos cobrados como corpo-máquina, explorados, sobrecarregados, quando isso não ocorre, sucumbimos. Não podemos parar, pois isso significa atraso, querem o progresso! Não há tempo para se *ver*.

Não podemos parar e, esse não *poder* parar resulta em muitas questões doentias no ser humano, como já mencionamos. E dentre as coisas a aprender, esquecemo-nos de ver e, principalmente, de pensar – estamos com uma ausência de pensamento. Em uma fase de transição em que há uma crise de pensamento, que resulta em uma grande defasagem artística e criativa. De acordo com Han: “é necessário ter-se sido um amigo, um amante, para poder pensar” (HAN, 2014, p. 58). Nesse sentido, sem eros, o pensamento irá perder toda a vitalidade, a inquietação, tornando-se repressivo e reativo. Nosso tempo ou nossa época precisa ser sempre nosso grande adversário, nosso grande inimigo, para assim ir revelando, desvelando as vísceras. Logo, ser inimigo é algo que soa estranho, o que isso quer dizer? Gilvan Fogel pensa que nosso tempo, nossa época, é o mais difícil, o mais áspero, pois é o mais duro de digerir e isso porque cabe a nós e, somente a nós, conquistá-lo e confrontá-lo. Devemos aprender a vê-lo e assim pensar! Mas, em tempos de produção flexível, de competitividade, qual é o espaço que temos para pensar? Se você para no tempo, virará o atrasado. Tudo está dado, tudo está transparente, não há nada de novo a ser *descoberto*, a ser pensado. O amor e o corpo estão nus, nítidos e sem nenhum tipo de mistério, conquistar nosso tempo não é algo que se deseje, pois ele está escancarado em nossas faces. Duvidar de tudo que está posto é muito árduo e difícil.

No *Banquete*, na cena de Agatão, observamos que ele queria sentar junto, ou próximo à Sócrates, para dessa forma ganhar mais sabedoria, Sócrates o responde:

Ótimo seria caro Agatão, se a sabedoria (sophia) fosse uma coisa que pudesse passar, por simples contato, de quem a tem a quem não a tem, assim como a água que, por um fio de lã, passa de um cântaro cheio para um cântaro vazio (PLATÃO, 2016, p. 31).

A filosofia não se passa, não é possível pegar e passá-la. Se faz em movimento, e na experiência e nas aprendizagens. Em processo contínuo de pensamento, é uma experiência diante dos acontecimentos da vida. A filosofia não é uma coisa – ela é um modo de ser ou ainda uma dimensão do homem, da vida, que precisa revelar-se para nós e, assim, ganhar vida e corpo. Como expõe Fogel, “ganhando assim, densidade, espessura, à medida que se faz ação, atividade, ou seja, à medida que se concretiza, se realiza. É preciso despertar, abrir-se para isso e cuidar disso” (FOGEL, 2009, p. 31). Não obstante, surge a questão, mas como? Podemos responder com veracidade, fazendo. O quê? Filosofia, filosofando. É o que move o desejo para filosofar? O espanto, a admiração, o susto? Eros é imprescindível para a iniciação ao filosofar. Pois é ato, é movimento, é trágico, violento, traz consigo o intempestivo, a ação, a agilidade, a disposição, o desejo, ímpeto, a umidade! A serenidade para as coisas não cai do céu. Nem a abertura para o mistério. Concomitante, precisa-se de abertura. Não acontecem (*zu-fälliges*) por acaso, segundo o filósofo Martin Heidegger: “ambas crescem somente a partir de pensar incessante e vigoroso” (HEIDEGGER, 1994, p. 16). Dessa forma, quando a serenidade, em relação às coisas e a abertura ao mistério se despertarem em nós, aí então poderemos esperar chegar a um caminho (método) que conduza a um novo solo de fundamento (HEIDEGGER, 1994, p. 17). Mas, em uma sociedade cansada, existe espaço para o filosofar? Como ensinar filosofia em tempos tão sombrios? O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando (HAN, 2015, p. 71). Essa sociedade do cansaço e desempenho também é a sociedade do transparente – que não esconde e também não quer esconder nenhum mistério – e assim, o erótico agoniza! Eros sucumbe! Desgasta. Desaparece. Some o desejo de ir em busca do desconhecido, da falta, não sente mais deficiência de algo. A multiplicidade de coisas, de informações – desveladas. Essa sociedade da transparência é uma sociedade positiva. Não há espaço para a negatividade. Quando as coisas se tornam transparentes? Quando eliminam qualquer negatividade, tornando-se rasas e planas, com ações operacionais, um processo passível de cálculo, governo e também controle (HAN, 2017, p. 10).

Nas palavras de Han “a sociedade da transparência é um abismo infernal (*Hölle*) do igual” (HAN, 2017, p. 10). Isso quer dizer que a transparência vai eliminar o outro e o estranho, uma sociedade uniformizada. Entrementes, podemos dizer que o capitalismo neoliberal transforma tudo em mercadoria para a exposição. Tudo está dado para o consumo imediato. Nesse sentido, tudo se volta para onde? Para a produtividade e a aceleração. Uma sociedade do Espetáculo! O valor de culto vai ser substituído pelo valor da exposição – exibição. O mundo das redes sociais corta os laços de proximidade humana, na proximidade - da distância, os

encontros são desfeitos. Isso por quê? As curtidas, os *likes*, “os *amei*, os *espantos*, *emotions em selfies*” são mais importantes. Há uma compulsividade em se expor, podemos observar nas redes sociais, como por exemplo, o *Facebook*, o *Whatsapp*, *Instagram*, *Snapchat*, possuem o *status* – “*O que está fazendo?*” -, não sendo representado por palavras, mas sim por uma infinidade de imagens, há uma compulsão intensa em tudo expor! Tudo está desnudado, colocado em uma vitrine exibicionista, um show de imagens, um show de tudo o que se possa imaginar!

E, então desse culto ao exibicionismo, a transparência do erotismo findamos na pornografia! A transformação do mundo em pornô realiza-se como uma profanação (HAN, 2014, p. 35). E assim, a face nua é desprovida de mistério, virá obscena e pornográfica. Do mistério, da busca incessante pelo amor, pelo saber damos lugar ao obsceno. *Do sagrado ao profano!*

Enfatizarmos anteriormente, a importância de aprender a ver, de contemplar, de buscar o desconhecido, nessa sociedade do transparente, o amor sem a lacuna do ver, vira pornografia; sem o oco e a lacuna no saber o pensamento decai em cálculo (HAN, 2017, p. 17). E o deserto cresce! O amor é domesticado e positivado para a fórmula de consumo e conformidade, afirma Han. Nesse sentido, todo o sofrimento, todo e qualquer sentimento negativo, dor escapa, apaga-se, esquece-se. De acordo com Han, a transparência é um estado de simetria. Assim, em uma sociedade transparente, elimina-se as relações assimétricas. Eros que nasce do contrário e da negatividade, começa a agonizar. Para que o ressentimento não se torne o único afeto da contemporaneidade - disposição para a vingança, um estar doente, uma fraqueza. É preciso que eros viva!

Por fim, depois de nos aventurarmos nas reflexões de Platão e Han sobre eros salientamos a urgência de repensarmos nossa relação com o mundo para reaprender a amar. E nesse viés, re-aprender a ver e a pensar! É *preciso transver o mundo*, dessa forma, compreendemos que ensinar filosofia é um movimento, uma experiência do pensamento, todavia, é eros que nos possibilita esse caminho. Ensina-se uma atitude filosófica, ou seja, é preciso uma disposição para pensar as questões, no movimento constante do desejar, vivenciamos uma experiência do pensamento, nosso guia como professor/a deve ser eros, um desejo incessante pelo conhecimento, um amor contemplativo, um desejo que arda, faça tremer – *pensamento tremor, se dispões na travessia*. Eros, segundo a filosofia platônica, dirige a alma, tendo poderes sobre ela. Nota-se, então, que a filosofia deve ser um modo de vida, um bem viver! Uma preparação para aprender a morrer e, nesse sentido, que eros é primordial para o

ensino de filosofia e para a vida humana em geral. A sociedade não pode aniquilar a alteridade, pois, aniquilando-a matamos o olhar ao outro e o amor. Diante disso, para que o ensino e o pensamento filosófico aconteçam, é necessário que o outro não seja aniquilado. Conforme vimos: “a filosofia é aprender a morrer” -, em vida. De acordo com Platão em *Fédon* dialogando com Simias e Cebes: “receio, porém, que, quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignorem que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e em estar morto” (PLATÃO, 1991, p. 65). Diante do exposto, o caminho percorrido nos possibilita olhar para o percurso, como Sísifo, contemplar o caminho da descida, não ignorar à morte, pois, segundo a visão platônica, filosofar é aprender a viver, com o *cuidado de si* e, nesse sentido, é também cuidado do outro. Ensinar filosofia, é conduzir o caminho, não mostrar a direção, mas sim abrir-caminhos para as possibilidades do ordinário e extraordinário do viver. Aprender a morrer, é necessário, pois esse morrer-reviver são constantes. Ter consciência da finitude humana é uma atitude do filosofar, ou seja, uma reavaliação da vida e assim, fazer filosofia consiste em aprender a morrer.

Antes de tudo se vive, como nas aprendizagens clariceanas, a sereia Loreley nos ensina que a aprendizagem é constante. Ouvir o canto da sereia, desprender do desempenho, podem ser tentativas de reinventar e reinscrever formas e possibilidades de ensinar e viver à filosofia. Ensinar filosofia é aprender a admirar o processo, encantamento e desconstrução. É deslocar a visão em processo co-relação com o outro e com o mundo. É preciso, pois, desacelerar para aprender a re-aprender a ver o mundo!

Referências

FOGEL, Gilvan. *Que é filosofia? – Filosofia como exercício de finitude*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

FURTADO, José Luiz. *Amor*. São Paulo: Globo, 2008.

HAN, Byung – Chul. *A Agonia de Eros*. Tradução de Miguel Serras Perreira. Lisboa: Relógio D' água Editores, 2014.

HAN, Byung – Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung – Chul. *Sociedade da Transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HEIDEGGER. Martín. *Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HEIDEGGER, Martin *Serenidade*. Tradução de Marcos Paulo Vieira da versão castellana de yver zimmermann, publicada pela Ediciones del Serbal: Barcelona, 1994.

LAÊRTIOS, Diôgenes. *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Brasília: Editora UNB, 2008.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PLATÃO, *O Banquete* (trechos selecionados). Tradução de Pedro Süssenkind. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.28.

PLATÃO, *O Banquete*. Edição bilíngue. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

PLATÃO. *Fédon*. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza. 5 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Coleção os pensadores)

PLATÃO. *Teeteto. Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: EDUFPA, 2001.

PERINE, Marcelo. *Ensaio de iniciação ao filosofar*. São Paulo: Loyola, 2007.

WAIZBORT, L. *As aventuras de George Simmel*. São Paulo: USP; Ed. 34, 2000.